

REDE ALÉM DAS LETRAS



Manual do formador

2007



Créditos

Produção

Beatriz Gouveia

Cristiane Pelissari

Débora Rana

Jane Padula

Rosa Maria Monsanto Gloria

Silvana Augusto

Coordenação técnica

Beatriz Gouveia

Coordenação geral

Silvia Pereira de Carvalho

Assistente de produção

Vânia Regina Ferreira



Rua Harmonia, 1040 • São Paulo - SP
Tel.: (011) 3032-5411 • Fax: (11) 3812-9561
www.avisala.org.br

Índice

CAPÍTULO 1

A rede Alem das Letras	1
------------------------	---

CAPÍTULO 2

O coordenador pedagógico	5
--------------------------	---

CAPÍTULO 3

Conteúdos da alfabetização	8
----------------------------	---

CAPÍTULO 4

Os projetos de formação	16
-------------------------	----

CAPÍTULO 5

O planejamento das reuniões	33
-----------------------------	----

CAPÍTULO 6

O processo de avaliação	40
-------------------------	----

CAPÍTULO 7

Uma rotina de formação	45
------------------------	----

A Rede Além das Letras

O Programa Além das Letras, lançado em 2004, nasceu do sonho da equipe do Instituto Avisa Lá de que é possível alfabetizar crianças de baixa renda para que, ao completarem o Ensino Fundamental, além de saber ler e escrever efetivamente, elas sejam capazes de entender e atribuir novos significados ao que lêem e consigam se comunicar plenamente por meio da escrita

O Programa Além das Letras busca apoiar, em parceria com formadores locais, a elaboração de projetos de formação continuada para coordenadores pedagógicos e professores nos municípios participantes. Estes projetos devem contemplar um diagnóstico local e um plano de ação visando melhorias na qualidade das práticas de leitura e escrita dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental .

O Programa é composto por um Prêmio e uma Rede virtual. Desde 2004 o Programa vêm identificando, selecionando e destacando boas práticas de formação em alfabetização desenvolvidos pelas equipes técnicas das secretarias municipais de educação de cinco regiões do País. Com este grupo de municípios foi criada a Rede Além das Letras.

A Rede é um ambiente virtual criado para estimular o aperfeiçoamento de educadores, a troca de experiências bem-sucedidas e a construção de conhecimento na área. O fortalecimento e ampliação das iniciativas locais pretende influenciar na alfabetização das crianças, garantindo, no âmbito municipal, a utilização de princípios mais eficazes de formação continuada por meio de atuação com os técnicos formadores, coordenadores pedagógicos e professores das redes públicas de educação .

Quem faz a rede

Uma união de diferentes parceiros foi constituída para realizar o Programa Além das Letras: o Instituto Avisa Lá (IAL), responsável técnico e idealizador do Programa; a Fundação Avina apoiador inicial, o Grupo Gerdau patrocinador, a IBM, parceira tecnológica. Além disso, o suporte ao planejamento, à gestão, à busca de parceiros e a coordenação tecnológica são de responsabilidade do Instituto Razão Social. A Ashoka, a Undime, a Unesco e o Unicef são parceiros institucionais.

A Rede Além das Letras conta com uma equipe constituída por profissionais dos Institutos Avisa Lá e Razão Social. A seguir, conheça nossos técnicos e identifique o formador do seu município.

Coordenação - Avisa Lá

Silvia Pereira de Carvalho – Coordenadora Geral do Programa – silvia@avisala.org.br

Beatriz Gouveia – Coordenadora Técnica do Programa e Consultora do Projeto Município Tutores e Parceiros – biagouveia@uol.com.br

Silvana Augusto – Coordenadora Técnica do Portal Além das Letras – silvana_augusto@uol.com.br

Coordenação - Instituto Razão Social

Walkyria Acquesta – Coordenadora executiva – walkyria@razaosocial.org.br

Daniela Castelan – Coordenadora Administrativa – daniela@razaosocial.org.br

Marcelo Garcia – Coordenador Tecnológico – marcelo@razaosocial.org.br

Assistente - Avisa Lá

Vânia Regina Ferreira – Assistente Administrativa – vania@avisala.org.br

Equipe de Consultoria – Avisa Lá

► Beatriz Gouveia

biagouveia@uol.com.br

Pedagoga pela USP/SP, assessora em educação, formadora do Instituto Avisa Lá, coordenadora do Programa Além das Letras. Co-autora do material impresso e videográfico do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores PROFA/MEC.

No Além das Letras ela vai acompanhar os formadores-tutores dos seguintes municípios:

- ✓ Itupiranga (PA)
- ✓ São Miguel D'Oeste (SC)
- ✓ Mogi-Guaçu (SP)
- ✓ Itatiba (SP)
- ✓ Petrópolis (RJ)

► **Cristiane Pelissari**

pelissaricris@uol.com.br

Mestre em educação, formadora do Programa Além das Letras/ Instituto Avisa Lá, formadora do programa Letra e Vida - SEE/CENP. Co-autora do material impresso e videográfico do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores PROFA/MEC.

No Além das Letras ela vai acompanhar os formadores dos seguintes municípios:

- | | |
|-----------------------|-------------------------------|
| ✓ Pompéia (SP) | ✓ Ibitiara (BA) |
| ✓ Charqueadas (RS) | ✓ Caraúbas (RN) |
| ✓ Mucuri (BA) | ✓ Anápolis (GO) |
| ✓ Campina Grande (PB) | ✓ Umuarama (PR) |
| ✓ Blumenau (SC) | ✓ Santo Antonio de Pádua (RJ) |

► **Débora Rana**

deborarana@ajato.com.br

Psicóloga pela PUC/SP, assessora em educação, formadora do Instituto Avisa Lá. Co-autora do material impresso e videográfico do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores PROFA/MEC. Coordenadora da Escola Projeto Vida. Membro do Centro de Formação Continuada da Escola Projeto Vida – FOCO.

No Além das Letras ela vai acompanhar os formadores dos seguintes municípios:

- | | |
|-----------------------|-----------------------------|
| ✓ Jijoca (CE) | ✓ Belém (PA) |
| ✓ Souto Soares (BA) | ✓ Recife (PE) |
| ✓ Piatã (BA) | ✓ Londrina (PR) |
| ✓ Sinop (MT) | ✓ Governador Valadares (MG) |
| ✓ Belo Horizonte (MG) | ✓ Naviraí (MS) |

► **Jane Padula**

jjpadula@uol.com.br

Pedagoga pela PUC/MG, assessora em educação, formadora do programa Letra e Vida - SEE/CENP. Atuou como coordenadora do departamento de educação do município de S.B. do Campo, colaborando na elaboração da proposta curricular de ed. Infantil (1992) e na elaboração do projeto de municipalização do ensino fundamental 1ª a 4ª série (1998). Integrou a rede de formadores dos programas PCN em Ação e Profa (MEC /99 a 02).

No Além das Letras ela vai acompanhar os formadores dos seguintes municípios:

- | | |
|--------------------|----------------------|
| ✓ São Mateus (ES) | ✓ Novo Hamburgo (RS) |
| ✓ Nova Lima (MG) | ✓ Panambi (RS) |
| ✓ Nortelândia (MT) | ✓ Petrolina (PE) |
| ✓ Tianguá (CE) | ✓ Caraguatatuba (SP) |

► **Rosa Maria Monsanto Gloria**

monsantogloria@uol.com.br

Pedagoga, assessora em educação, formadora do Programa Além das Letras/ Instituto Avisa Lá, formadora do programa Letra e Vida - SEE/CENP. Co-autora do material impresso e videográfico do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores PROFA/MEC.

No Além das Letras ela vai acompanhar os formadores dos seguintes municípios:

- | | |
|---------------------------------|----------------------------|
| ✓ Santo André (SP) | ✓ São Gabriel D'Oeste (MS) |
| ✓ Guará (SP) | ✓ Campo Grande (MS) |
| ✓ Ribeirão Corrente (SP) | ✓ Araraquara (SP) |
| ✓ São Sebastião do Paraíso (MG) | ✓ Bituruna (PR) |
| ✓ Santos (SP) | ✓ Marabá (PA) |

O coordenador pedagógico

O objetivo do Além das Letras é investir na formação das equipes técnicas das Secretarias de Educação para que esses formadores locais invistam, por sua vez, nos coordenadores pedagógicos das unidades escolares para que estas se transformem em espaços de formação permanente. O foco maior do Programa Além das Letras é, portanto, o coordenador. Nós temos o desafio de ajudá-lo a redimensionar sua função na escola, para que construa observáveis para compreender a importância de um projeto de formação para seus professores com conteúdos claros e consistentes

Para muitos municípios participantes da rede, essa proposta de formação permanente é nova. Ela vai exigir uma reorganização na secretaria dos papéis destinados aos formadores locais. Não é uma tarefa fácil e temos clareza que exigirá, em muitos casos, um tempo de reflexão da equipe e negociações internas para efetivar mudanças necessárias. Sabemos que existe uma cultura escolar em alguns lugares em que o coordenador assume muitas atribuições administrativas, pois recebe uma demanda enorme de tarefas e não sobra tempo para se dedicar à formação dos professores e, muitas vezes, nem é reconhecido como um formador.

Há muitas situações em que para cumprir, minimamente, sua responsabilidade junto aos professores, os coordenadores adotam uma linha mais prescritiva, dizendo aos professores o que eles precisam fazer, entregando o planeja-

mento pronto, explicando o que pede, mas sem incorporar na sua ação os saberes dos professores. Sem dúvida, esta situação torna o professor muito dependente, sem autoria. Isto evidentemente não o ajuda a se tornar um profissional pesquisador, reflexivo e autônomo, qualidades exigidas de um educador contemporâneo.

Nosso objetivo é apoiar os formadores locais para que auxiliem o coordenador a redesenhar suas funções, legitimando-o como formador e parceiro mais experiente dos professores. Entendemos que o coordenador pode garantir nas escolas, caso seja formado para isto, um espaço de reflexão sistemática sobre a prática, condição fundamental para melhores resultados nas aprendizagens dos alunos.

Pois bem, já sabemos que o coordenador é um dos focos da formação. Agora precisamos discutir como faremos para compartilhar o projeto e co-responsabilizá-lo pelo desenvolvimento das ações do Além das Letras e compromete-lo com os resultados. Estes são os desafios prioritários do formador de formadores.

Ser responsável pela formação do coordenador implica não só trabalhar, com o conhecimento didático, mas também com a comunicação do conhecimento didático, ou seja, com o desenvolvimento do papel profissional de formador.

Conteúdos da formação dos coordenadores pedagógicos

Em primeiro lugar é necessário considerar que ter um coordenador que saiba muito acerca dos conhecimentos didáticos necessários para alfabetizar **não** significa que se tem um bom formador na rede. Pode-se saber muito sobre algo, mas saber pouco sobre o como se ensina e se aprende na formação, sobre como comunicar e trabalhar com os professores.

Sendo assim, na ação de vocês, formadores locais, é fundamental que considerem nas pautas de formação, não só o conhecimento didático, mas também o modo como este mesmo conhecimento deve ser trabalhado na formação do professores.

Vamos fazer um exercício para entender a dupla reconceitualização que existe na formação de formador. Para este exercício utilizaremos como exemplo uma situação de formação em que o conteúdo são os “critérios para seleção de livros”.

Os formadores levam uma série de livros para o encontro de formação e, em um primeiro momento, os coordenadores realizam uma análise destes livros para construírem estes critérios. Vejam: refletir sobre estes critérios, garante que o coordenador possa selecionar bons livros, mas não que consiga colocar este conhecimento a serviço da formação dos professores. Esta é uma outra conversa.

É preciso construir situações nas quais os coordenadores possam, junto com vocês formadores locais, planejar os seus encontros, considerando o que sabem os professores das suas unidades, por exemplo, sobre critérios de seleção de livros, ou mesmo se já consideram que a leitura seja algo importante na formação do leitor. A depender do grupo de professores, vão variar, os textos, os vídeos ou mesmo a forma como será apresentado/ problematizado o conteúdo.

Reparem então que para além de avançar no conhecimento didático, no exemplo, critérios de seleção de livros, o coordenador deverá também saber tomar decisões em relação à, por exemplo, como organizar a formação do seu grupo; o que inclui não apenas conhecer um texto ou um vídeo ou mesmo realizar um encontro exatamente igual ao que viveu com vocês. Ao contrário, inclui saber se diferenciar / descolar da própria vivência de formação para construir uma sequência de formação específica para o seu grupo.

Para isto é necessário construir, com o coordenador, um repertório de estratégias de formação para que possa usar nas situações mais adequadas tais como: observação de aula, uso do vídeo como recurso para tematização da prática, escrita de devolutivas nos relatórios, escrita conjunta do planejamento, orientação de estudo de textos, supervisões, planejamento de encontros de formação.

Para que possamos ter este coordenador autor da sua prática é fundamental que vocês formadores, não só promovam a aproximação ao conhecimento didático como também apóiem os planejamentos dos encontros, alimentando a elaboração de boas situações de formação.

Aqui deste lado, continuaremos apoiando a realização dos encontros através dos subsídios para as pautas, do acompanhamento dos relatórios, do envio de materiais, das orientações de estudo e nas reuniões on- line.

A seguir, conheça alguns instrumentos de trabalho e os conteúdos enfocados pela equipe de consultoras do Instituto Avisa Lá

Conteúdos da alfabetização

Ensinar a ler e escrever - missão original e irrenunciável da escola - significa desenvolver práticas sociais que envolvam a escrita. Nosso objetivo final é contribuir para a formação de usuários competentes da língua escrita

Não é mais possível pensar na alfabetização somente como um processo de apropriação de um código. Hoje já se sabe que aprender a ler e escrever envolve dois processos:

- compreender a natureza do sistema alfabético de escrita – as relações entre som-grafia, a segmentação entre as palavras, as restrições ortográficas;
- compreender o funcionamento da linguagem escrita – suas características específicas, suas diferentes formas, gêneros

Esses dois processos devem ser trabalhados de forma concomitantes na escola. Isso quer dizer que não basta colocar os alunos diante dos textos para que aprendam o funcionamento do sistema alfabético e também que a aquisição do sistema alfabético por si só não garante a possibilidade de participar com sucesso das práticas sociais de leitura, escrita e comunicação oral. Reproduzir as condições que contextualizam a leitura e a escrita fora da escola dentro do âmbito escolar e planejar situações de aprendizagem específicas para que os alunos aprendam o sistema alfabético de escrita representam o nosso maior desafio.

Conteúdos que vão Além das Letras

Para preservar a natureza da leitura e da escrita como práticas sociais o Programa Além das Letras selecionou como conteúdos principais da formação algumas práticas fundamentais para o processo de alfabetização

nas séries iniciais. Uma alfabetização que tenha como objetivo formar leitores e escritores plenos (ou seja, participantes da cultura escrita) pressupõe um trabalho didático que contemple:

1. **Leitura feita pelo professor**, situação didática que assegura ao aluno o acesso à diversidade de textos mesmo antes de lerem convencionalmente.
2. **Produção de textos**, trabalho planejado para que os alunos produzam textos de diferentes tipos mesmo antes de escreverem convencionalmente, façam revisões coletivamente e tenham a oportunidade de discutir e analisar as características discursivas de um texto.
3. **Situações de escrita e de leitura pela criança**, que contextualizam a reflexão sobre o funcionamento do sistema alfabético de escrita e garantem aos alunos a oportunidade de pensar diariamente sobre como se faz para ler e escrever.

Em um processo de alfabetização a criança passa por todas essas situações simultaneamente. No entanto, para efeito da apresentação didática desse conteúdo aos professores, o programa Além das Letras enfoca tais situações em três módulos: os municípios devem escolher um deles (o que não significa que se deixe de lado um ou outro conteúdo) para estudar com mais profundidade, receber materiais de apoio e supervisão para o desenvolvimento de projetos de formação que abordem tais conteúdos.

Os municípios que entram no programa agora ou os que já participam há mais tempo devem escolher o projeto que desejam desenvolver. Essa escolha deve ser pensada em função das necessidades que seu município apresenta no momento, a partir de uma avaliação da aprendizagem dos alunos, do que sabem, do que não sabem e do que ainda podem aprender com a ajuda de seu professor. Veja a seguir como tais conteúdos se apresentam.

Módulo 1: Leitura feita pelo professor

Sabemos que uma criança pode construir muitos conhecimentos sobre sua própria língua mesmo antes de saber ler e escrever convencionalmente. Por esse motivo, a leitura diária feita pelo professor é uma das mais importantes situações que sustentam o processo de alfabetização: ela assegura ao aluno que ainda não aprendeu a ler sozinho, o acesso à diversidade de textos. Embora a situação didática pareça muito simples – ler diariamente para crianças – ela envolve muitas variáveis e pode ou não dar diferentes resultados. Veja a seguir o que se aprende nessa situação.

O que a criança pode aprender?

Ao ouvir diariamente uma boa leitura feita pelo professor, o aluno pode desenvolver comportamentos típicos de um leitor experiente tais como:

- reconhecer regularidades de um determinado tipo de texto (crônicas, contos etc);
- como os leitores reais atuam, quais são seus comportamentos;
 - a) ler do começo ao fim;
 - b) ler até uma parte, marcar onde parou e continuar em outro momento;
 - c) retomar alguns trechos;
 - d) conhecer as características predominantes da narrativa dos autores que mais gosta e se informar mais sobre ele;
- observar gravuras e antecipar significados de um texto a partir delas ou usá-las como apoio para a reprodução de trechos das histórias já conhecidas;
- relacionar uma história a outros textos lidos ou ouvidos;
- desenvolver suas preferências leitoras e indicar leituras para outros colegas;

Ao mesmo tempo, podem construir conhecimentos sobre a linguagem que se usa para escrever que, como sabemos, é muito diferente da linguagem que se usa para falar em situações mais informais. Isso ajuda os alunos a desenvolver sua competência lingüística, o que será necessário acionar quando estiverem na situação de escritores.

O que os professores e coordenadores podem aprender?

Para que os alunos aprendam todas essas coisas é necessário que eles tenham professores que sejam bons leitores, capazes de tratar a leitura na escola tal com ela se apresenta no mundo. Por isso, é preciso que ele aprenda a:

- Selecionar livros de qualidade para crianças de diferentes idades e interesses.
- Realizar com frequência e regularidade a roda de leitura para a apresentação de diferentes histórias, nas versões mais elaboradas.
- Compartilhar com os alunos suas impressões sobre as histórias lidas.
- Favorecer a manifestação de comentários pelos alunos, incentivando-os a opinar sobre elas, a manifestarem seus sentimentos, idéias e preferências etc.
- Expor suas próprias preferências pessoais com o intuito de ampliar a possibilidade de as crianças avaliarem por outros ângulos as histórias.
- Permitir que as crianças apreciem e tenham acesso aos livros em diferentes momentos da rotina: tanto nas rodas de leitura quanto em um cantinho da leitura, por exemplo.
- Compartilhar informações prévias e relevantes sobre o que será lido para o melhor entendimento do texto.

A tarefa não é pequena! Para isso, os formadores do Além das Letras, coordenadores pedagógicos que atuam nos municípios, devem aprender a:

- Observar a qualidade do acervo e problematizar a escolha dos livros que serão lidos para as crianças
- Apoiar o planejamento do professor, enfocando a leitura como atividade diária na escola, considerando a qualidade do texto, as peculiaridades da leitura em voz alta e os comportamentos leitores envolvidos nessa modalidade.
- Orientar o professor para a organização e utilização sistemática de livros na sala de aula.
- Apoiar e orientar o planejamento da roda antes, durante e depois da leitura.

Escolhendo esse módulo, vamos compartilhar como meta fundamental a formação de professores e coordenadores para a implementação da roda diária de leitura nas escolas: caso seja esse o principal interesse de seu município, inscreva-se para participar das atividades deste módulo.

Módulo 2: Produção de textos

A produção de textos, quando bem planejada, cria todas as condições para que os alunos produzam textos de diferentes tipos mesmo antes de escreverem convencionalmente, é o que acontece, por exemplo, quando ele dita ao professor. Embora a grafia não seja propriamente do aluno, a elaboração textual, sim. Por isso dizemos que há muito o quê aprender nesse tipo de situação que envolve não apenas a formulação do texto, mas também o processo de revisão. Veja a seguir:

O que a criança pode aprender?

Ao ditar um texto ao professor ela está elaborando uma produção escrita utilizando para tanto todas as características e formalidades da linguagem que se usa para escrever. Com isso ela pode aprender:

- Características da linguagem escrita: como a língua se constitui; como transformar uma idéia em escrita
- Os “fazeres de escritor”, tais como:
 - a) Planejar os textos
 - b) Recorrer a materiais escritos para buscar informações sobre o conteúdo sobre o qual está escrevendo;
 - c) Rerler durante a produção aquilo que já escreveu;
 - d) Escrever rascunhos e fazer modificações;
 - e) Submeter o texto à consideração de um ou mais leitores

Podem, ainda, analisar textos e reconhecer que o procedimento de revisar é parte integrante do próprio ato de escrever, aprendendo:

- A identificar problemas do texto e aplicar conhecimentos sobre a língua para resolvê-los: acrescentando, retirando, deslocando palavras, expressões e frases
- Procedimentos específicos de revisão do próprio texto
- Procedimentos coletivos de revisão, tendo a oportunidade de discutir e analisar as características discursivas de um texto.

O que os professores e coordenadores podem aprender?

Para que os alunos aprendam todas essas coisas é necessário que eles tenham professores capazes de tratar a produção de texto na escola tal como ela se apresenta no mundo. Por isso, é preciso que eles aprendam:

- reconhecer as qualidades de um texto bem escrito;
- reconhecer até onde os alunos podem chegar a partir das propostas oferecidas na escola;
- planejar situações didáticas de produção de reescritas a partir de textos conhecidos pelo grupo;
- cuidar nos momentos de ditado do texto de preservar as idéias originais dos alunos;
- problematizar com a classe trechos de textos que podem ser melhor escritos;
- encaminhar processos de revisão de textos individuais e em grupo;
- apoiar os alunos na transposição de textos orais para a linguagem que se escreve;
- planejar momentos de leitura visando alimentar os processos de escrita;

Para acompanhar os professores nessa importante tarefa, os coordenadores pedagógicos que atuam nos municípios, devem aprender:

- acerca dos processos de aprendizagem e de ensino da leitura e da escrita.
- reconhecer o que qualifica uma boa produção de texto para crianças de diferentes idades;
- observar a sala e utilizar seus registros para apoiar o planejamento do professor;
- apoiar a implementação de rotinas de alfabetização que incluam a produção de texto;

Escolhendo esse módulo, vamos compartilhar com vocês, formadores locais, a formação de professores e coordenadores capazes de implementar situações didáticas que oportunizem uma sensível melhora na qualidade dos textos que se produz na escola, contribuindo assim para uma alfabetização plena nas séries iniciais.

Módulo 3: Escrita e leitura na alfabetização inicial

Infelizmente, o Brasil tem indicadores de avaliação muito ruins, nos mostrando alunos que não escrevem e não lêem convencionalmente numa idade em que já deveriam fazê-lo com competência. Os professores encontram dificuldades em ajudá-los a avançar a partir de hipóteses pré-silábicas e mesmo silábicas. Tais questões podem ser enfrentadas quando há muitas oportunidades em que os alunos lidam com a tarefa de ler e escrever por si mesmos, em situações reais de uso da escrita. *No entanto, apenas deixá-los olharem para os textos ou mesmo escreverem como pensam não é o suficiente para que avancem nos seus conhecimentos sobre o sistema de escrita. Neste módulo os professores poderão refletir sobre como pensam as crianças para antecipar boas intervenções que coloquem os alunos a reformular suas hipóteses iniciais.* Veja o que as crianças podem aprender ao serem expostas a essas situações:

O que a criança pode aprender?

Nas situações em que a criança lê ou produz por conta própria, ainda que não o faça convencionalmente, ela pode aprender:

- arriscar-se a fazê-lo por conta própria em todas as situações em que a leitura e a escrita estão presentes no cotidiano escolar;
- apropriar-se da escrita do próprio nome para usá-la como referência em outras situações de leitura e de escrita;
- analisar o sistema de escrita, reconhecer suas regularidades;
- desenvolver hipóteses próprias sobre como se lê e se escreve;
- pensar sobre suas próprias hipóteses, colocá-las em xeque e avançar em suas reflexões;

As situações de leitura pelos alunos na alfabetização inicial, além do propósito próprio de toda atividade de leitura, obedecem à necessidade de cumprir um propósito didático bem específico: o de conseguir que as crianças avancem na aquisição do sistema de escrita, que possam cada vez melhor ler e escrever por si mesmas.

O que os professores e coordenadores podem aprender?

Para que os alunos aprendam todas essas coisas é necessário que eles tenham professores capazes tratar a produção da criança como algo merecedor de atenção e saibam fazer intervenções didáticas específicas. Por isso, é preciso que eles aprendam:

- Reconhecer as hipóteses de escrita das crianças e dos seus alunos em especial;
- Saber selecionar propostas de escrita que promovam o avanço dos alunos;
- Criar situações coletivas de reflexão sobre como se lê e como se escreve;
- Saber fazer intervenções mais pontuais que ajudem os alunos a avançarem;

Para acompanhar os professores nessa complexa tarefa, os coordenadores pedagógicos auxiliados pelos formadores locais que atuam nos municípios, devem aprender:

- A analisar as escritas das crianças com seus professores;
- Saber apoiar o planejamento das situações de leitura e de escrita;
- Saber observar a sala e dar retornos aos professores acerca das propostas de leitura e de escrita bem como das intervenções;
- Apoiar a organização de rotinas de leitura e de escrita nas séries iniciais; reorganizando possivelmente tempos e espaços escolares para isto;

Escolhendo esse módulo, vamos compartilhar como meta a formação de professores e coordenadores capazes de implementar situações cotidianas de leitura e escrita e assim contribuir para melhorar os índices de avaliação do município em relação à produção escrita dos alunos.

Os projetos de formação

Os conteúdos da alfabetização são tratados no contexto dos projetos de formação continuada, isto é, um conjunto de ações intencionais de uma equipe interessada em formar professores alfabetizadores. Os projetos demandam ações bem encadeadas segundo a lógica das aprendizagens de crianças, professores e coordenadores. Conheça mais a seguir

A função do projeto é organizar as hipóteses de trabalho do coordenador e servir como um plano mais geral de todo o processo. Por isso, sua coerência e consistência são fundamentais. Há dois aspectos a se considerar: o primeiro é o sujeito da formação, no nosso caso, o coordenador pedagógico. O segundo é o contexto de alfabetização que foi definido, a partir do leque de opções oferecidas pela Rede Além das Letras.

O projeto de formação possui uma didática, um plano prévio intencional, traçado de acordo com os objetivos e conteúdos. Veja, a seguir, como é possível escrever bons projetos.

Como elaborar o projeto

Ao elaborar um projeto é necessário considerar o levantamento dos saberes dos profissionais envolvidos, suas motivações, interesses e dificuldades. Ele tem início e fim delimitados e está organizado formalmente e parte de uma problematização do trabalho. Por exemplo: a introdução das práticas de leitura e escrita na escola deve prever intervenções sobre a gestão de sala, intervenções na proposta das atividades permanentes relacionadas a este conteúdo, seqüências ou projetos que ampliam a relação das crianças com a cultura escrita. A seguir, você encontrará um roteiro comentado para apoiar seu trabalho.

Nome do projeto

É interessante que a equipe pense em um nome que traduza a intenção de:

- Ampliar e diversificar a forma de gestão da sala de aula com atividades permanentes, seqüências de atividades e projetos de leitura e escrita.
- Ampliar o trabalho com práticas sociais de leitura e escrita.

Justificativa

A justificativa aponta a existência de um problema que será abordado pela formação. Ao justificar o trabalho é preciso pensar:

- Fica claro para o leitor que não conhece seu município, as motivações pedagógicas que levaram sua equipe a eleger esse projeto?
- Você explicou a relevância desse trabalho? Por que este – e não outro projeto – é mais indicado neste momento?

É importante se pautar na realidade da sua rede, nos conhecimentos de seus professores e coordenadores, refletindo sobre o porquê desse trabalho. O que eles sabem? Quais são as práticas de leitura e escrita da rede? Esse projeto ajudaria a implantar novas possibilidades de trabalho do professor?

Objetivos

Ao pensar em objetivos ou metas temos que ter clareza de suas dimensões

Gerais

- Que envolve um resultado mais abrangente pensando na realidade de uma rede de ensino.

Específicos

Objetivos da formação dos coordenadores pedagógicos – o que queremos que nossos coordenadores aprendam. Por exemplo: é esperado que ele saiba observar as propostas planejadas pelos professores e orientá-las, utilizando o conhecimento didático disponível.

Objetivos da formação dos professores – o que queremos que nossos professores aprendam. Por exemplo: é esperado que o professor proponha momentos de leitura, saiba selecionar livros, organizar os espaços.

Este saber – fazer é objetivo do trabalho de formação que será alcançado após uma série de ações formativas.

Objetivos do trabalho com as crianças – o que seriam metas ou o que é esperado que as crianças saibam a partir deste trabalho. Por exemplo: que as crianças possam desenvolver determinadas competências ligadas a leitura e escrita.

Ao definir objetivos e conteúdos é importante observar:

- O objetivo de um trabalho revela aquilo que se pretende alcançar (a intenção com relação ao objeto do trabalho): observe se na escrita do projeto fica claro o que você espera alcançar e se isso é fiel às reais intenções da equipe formadora de seu município. Por exemplo: o que você espera alcançar em relação à leitura pelo professor? E com relação à produção de texto?
- Os objetivos são alcançados pelo grupo quando lhe oferecemos os conteúdos imprescindíveis para tanto. Portanto, é preciso estabelecer uma relação entre eles: leia e observe se para cada objetivo você elencou o/os respectivo/os conteúdo/os.
- Ainda nesse tópico, note se os objetivos e conteúdos estão referenciados no coordenador pedagógico, afinal, o projeto se destina à formação desse grupo. Muitas vezes o enfoque dos objetivos e conteúdos estão apenas localizados nos resultados com as crianças ou com os professores. Observe se o modo como você escreveu o projeto explicita objetivos de formação dos CPs.
- Como o CP está no centro da formação, precisamos levantar conteúdos que contribuam para a melhoria de seu papel profissional. Por exemplo: não basta saber tudo sobre os comportamentos leitores, critérios de seleção de livros etc., se o CP não é capaz de implementar a leitura como atividade diária na escola. Também pouco adianta saber tudo aquilo se ele não consegue fazer com que seus professores leiam mais e melhor para as crianças. Então, verifique se os conteúdos levantados por vocês ajudam o CP a realizar melhor o seu papel de formação de professores na escola.
- Quando os objetivos e conteúdos estão explícitos, fica mais fácil levantar a sequência de trabalho. Portanto, recomendamos que você primeiro faça a revisão desta etapa de trabalho, e só então se dedique ao segundo momento da leitura crítica.

Conteúdos

Os conteúdos estão vinculados ao desenvolvimento das competências profissionais, como por exemplo:

Conteúdos das Professoras

- Saber organizar o tempo na sala de aula, para que todos participem, acompanhando de perto as necessidades de cada grupo/ aluno.
- Planejar e desenvolver momentos de leitura compartilhada de diferentes textos e propósitos, em rodas de leitura, explicitando às crianças seu comportamento leitor.

O contexto de trabalho do Além das Letras envolve o coordenador pedagógico. Portanto, ao se definir objetivos e conteúdos da formação, é importante lembrar que eles são organizados de acordo com a(s) competência(s) profissional(s) visada(s), ou seja, aquilo que se espera que o CP seja capaz de fazer após sua intervenção formativa. É importante reparar que uma competência pode ser construída por meio de três ou mais objetivos gerais. Tendo isso em vista, ao escrever o projeto de formação observe:

- Existe uma coerência entre o que vocês propõem como atividades formativas e os objetivos e conteúdos levantados? O que você propõe de fato ajuda na formação das competências profissionais do CP ou se restringe à informação ou à formação pessoal de cada participante?
- É importante que nos seus encontros haja espaço para estudar textos, conhecer teorias e estudos já produzidos na área, mas, também deve haver momentos para transpor tais conhecimentos à realidade das escolas, de modo que os estudos ajudem a solucionar os problemas que os CPs encontram na formação de seus professores. Leia agora a sequência de etapas de seu projeto e verifique se essas duas oportunidades estão contempladas.
- A qualidade dos textos é fundamental! Muitas vezes se oferece como material de apoio textos que são de outras concepções, que contradizem o próprio formador ou trazem exemplos inadequados. Portanto, antes de sugerir um texto para estudo, leia-o você mesmo, com atenção. Consulte sempre a biblioteca do Além das Letras, lá você encontrará material já utilizado e aprovado por outros municípios.
- Por fim, encare o vilão, tempo: observe se tudo o que você propõe, cabe nos encontros de formação que você conseguiu articular. Pense que é muito melhor cortar alguns objetivos e conteúdos para que se tenha mais tempo de aprofundar o olhar sobre o que realmente vai fazer a diferença para o CP, professores e crianças.

A organização didática dos encontros de formação

Um projeto é um plano inicial que, certamente, deve ser revisto e atualizado ao longo do tempo, a partir da avaliação e da necessidade de novas propostas. Ainda assim, ao iniciar um processo é possível antecipar a sequência didática dos encontros de formação, pensando:

- Quais as ações a equipe irá desenvolver para a formação das professoras.
- Como será implantado o projeto, como será organizada a formação.
- É importante lembrar que em todos os processos formativos existem dois momentos:
 - um destinado ao planejamento pela equipe, contando com a parceria dos coordenadores e professores conforme o caso para selecionar material, preparar atividades;
 - um outro momento destinado ao acompanhamento e orientação da prática dos coordenadores e professores. Esse segundo momento é importante contemplar momentos de filmagem de atividades e observação de sala.

O que norteia essa seqüência é o conhecimento didático e sobre o que se sabe sobre a formação de professores. A seqüência dos encontros, das reuniões com os CPs, tem portanto uma lógica própria, considerando o que queremos que eles aprendam conosco num determinado tempo.

Bibliografia básica

O projeto também inclui uma lista de livros, artigos etc. que serão utilizados para apoiar a formação. É importante que exista aqui também uma coerência entre o que se quer ensinar e o que se usa como apoio para tal. Nem sempre se pode escolher livros apenas pelos títulos: muitos tratam do mesmo assunto focado no projeto, porém apresentam concepções diferentes e às vezes até contraditórias. No final desse manual você encontrará uma lista dos livros mais utilizados pelos formadores da rede.

A partir dos conteúdos e objetivos do seu projeto é possível organizar o que se vai propor e como se vai propor, de modo a potencializar as aprendizagens de todos os envolvidos, como no exemplo a seguir que enfoca aprendizagens acerca da leitura como atividade permanente na escola:



Exemplo de sequência didática de 8 encontros de formação

- No 1º encontro, vamos utilizar o material de apoio para levantar o diagnóstico das práticas de leitura na rede. Também vamos contextualizar o problema da leitura a partir das últimas avaliações de caráter nacional e vamos pensar o lugar da Educação Infantil na formação de leitores. Como tarefa, vamos propor aos CPs que façam o diagnóstico de leitura nas pré-escolas nas quais atuam.

- No 2º encontro, vamos socializar os diagnósticos e compartilhar algumas metas de trabalho comuns. Em seguida, vamos ler para o grupo com o objetivo de explicitar a eles alguns comportamentos leitores que nós assumimos quando abrimos as páginas de um livro, ainda que não tenhamos consciência disso. Em seguida, vamos ler o texto de Virgínia Gastaldi e discutir a idéia de comportamento leitor como conteúdo de aprendizagem para as crianças. Vamos propor que como tarefa os CPs observem rodas de leitura, registrem e tragam para o próximo encontro.

- No 3º encontro, vamos analisar os diferentes registros e apontar para as diferenças entre ler e contar histórias, justificando a necessidade de leitura de bons textos para todas as crianças. Para isso, vamos estudar o texto *Depois de ler, fazer o que?* De Virgínia Gastaldi, publicado na revista *Avisa lá*. Vamos também propor a análise de alguns livros que possuímos na rede, construindo critérios para a seleção de textos para as crianças. Como nova tarefa, vamos propor que os CPs escolham bons textos para ler para as crianças e planejem com o professor todos os momentos: antes, durante e depois da leitura. Vamos pedir que tragam os novos registros.

- No 4º encontro vamos discutir a necessidade de se organizar cantos de leitura nas salas. Se quisermos que as crianças desenvolvam comportamentos leitores e hábitos de leitura, precisaremos assegurar o acesso aos livros. Vamos planejar isso conjuntamente, a partir da análise de alguns ambientes montados, incluindo o da Biblioteca Gerdau, a fim de construir critérios para a organização desses espaços em sala. Vamos também apresentar algumas práticas de trabalho na biblioteca a partir da análise de situações filmadas: vamos selecionar do PROFA uma fita de vídeo

- No 5º encontro vamos organizar rodadas de leitura em voz alta de outros tipos de texto, que não os contos clássicos: as poesias e outros tipos de textos também podem ser lidos para crianças, a fim de desenvolver outros comportamentos, mais adequados, tendo em vista os diferentes propósitos de leitura e suas modalidades. Mostraremos em vídeo uma roda para tematizar com o grupo, tirando dali todos os princípios didáticos da ação. Vamos também propor que os CPs planejem com seus professores novas rodas de leitura e tragam registros para o próximo encontro. Vamos combinar quem dos CPs poderá trazer uma filmagem para a tematização no próximo encontro.
- No 6º encontro, vamos tematizar uma filmagem de uma de nossas escolas, construindo observáveis para que os CPs analisem as práticas e pensem boas intervenções. Vamos também analisar as fotos de alguns dos cantos de leitura já organizados nas escolas.

E assim por diante. É um exercício de bordado. A cada encontro vamos amarrando um ponto, mais um ponto e uma laçada, construindo um caminho até o último encontro, quando então poderemos olhar para trás e observar tudo o que foi construído no grupo, o que os CPs aprenderam, o que oportunizaram para seus professores, o que realizaram com as crianças.

Como avaliar o projeto

É importante que a equipe aponte quais são os itens de avaliação das ações da formação, tanto em relação às professoras, quanto em relação às crianças. Por exemplo, se o objetivo esperado é que o professor proponha momentos de atividades diversificadas, apontar quantas professoras implantaram este tipo de atividade e que cantos foram implantados é um item da avaliação.

São também instrumentos de avaliação.

- ✓ Dados da sala de aula - produções infantis, vídeos e registros de professor.
- ✓ Dados da formação - planejamento da formadora, registro do encontro da formadora, planejamento de uma atividade da professora

A equipe do Além das Letras está disponibilizando para todos os municípios os indicadores de avaliação: escolham quais são os indicadores mais ajustados ao tipo de trabalho que você pretende desenvolver em seu município. Inclua outros, se achar que estes são insuficientes.

- ✓ Observe se há uma coerência entre eles, se os itens que você escolheu de fato indicam avanços importantes do seu projeto de formação.
- ✓ Observe se no desenho do seu projeto há tempo para fotografar as escolas, recolher registros de professores, enfim, cuidar da documentação (pode ser um port-fólio ou relatório final) necessária à avaliação final do projeto.
- ✓ Pense também um modo de disponibilizar as produções do projeto para que outros profissionais possam compartilhar do conhecimento produzido durante o tempo de formação.

Agora é com você! Utilize o espaço a seguir para organizar suas idéias na forma de um projeto de formação de seus coordenadores pedagógicos.



Instrumento de trabalho: roteiro para a organização do projeto de formação

Projeto

--

Justificativa

Objetivos

Objetivos da formação dos Coordenadores pedagógicos

Objetivos da formação dos professores

Objetivos de aprendizagem das crianças

Conteúdos

Conteúdos dos Coordenadores Pedagógicos

Conteúdos para as Crianças

Conteúdos das Professoras

Sequência de ações

Mês	Propostas	Tarefas
Mar		
Abr		
Mai		
Jun		
Jul		

Ago		
Set		
Out		
Nov		

Bibliografia

Ficha Técnica

Secretaria Municipal:

Ano:

Equipe Técnica:

Nº de professores:

Nº de Coordenadores:

Escolas participantes:

Nº de crianças atendidas:



FORMAÇÃO DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS BOA VISTA DO TUPIM-BA / 2005¹

Formar coordenadores pedagógicos é oportunizar tanto a este profissional quanto à instituição escolar saber o seu verdadeiro papel.

SANDRA OLIVEIRA S. DE LIMA

JUSTIFICATIVA

A necessidade de refletir a prática pedagógica a fim de avaliar as propostas de ensino está cada vez mais urgente e decisiva para que tenhamos finalmente uma educação eficaz.

Refletir essa prática não significa apenas detectar pontos que foram positivos e/ou negativos. É preciso ir além se pretendemos entender como se constrói o aprendizado, como se transforma uma cultura onde quase nunca deu lugar para o **PENSAR**.

Suscitar os professores para que dêem oportunidade para as suas dúvidas e inquietações é uma das atribuições dos formadores de professores, pois somos fruto de uma educação tradicional que não nos favoreceu uma prática onde pudéssemos buscar respostas para as nossas próprias perguntas, onde não tínhamos a oportunidade de refletir acerca das nossas ações, ao contrário disso, parecíamos ter as mesmas perguntas, os mesmos problemas e assim as respostas eram sempre as mesmas para todos.

Esse modelo certamente prejudicou muito o avanço do nosso país, tornando assim nossos educadores “isentos” de qualquer preocupação com o aprendizado dos alunos e com o seu próprio aprendizado, por ter tido sempre uma proposta uniformizada, longe de suas reais necessidades ou distante do entendimento daquilo que se estava “ensinando ou aprendendo” não havia espaço para as diferenças.

¹ Membro da rede Além das Letras desde 2004

Assim sempre obtivemos resposta para o fracasso escolar, respostas prontas e que estavam longe de chegar até a questão da formação continuada dos profissionais da área.

A qualificação dos educadores assim como o tratamento dado aos alunos em sala de aula, sempre foi encarada como a necessidade de entregar ao profissional “bons modelos” de aulas, planos, atividades etc., com a intenção de reproduzi-los subestimando mais uma vez o poder de reflexão / ação / aprendizado de cada um.

Mas tratar da formação não é tarefa fácil, requer estudo, pesquisa e uma constante teorização da prática pedagógica. Formar profissionais reflexivos é o objetivo principal da formação. E para isto faz-se necessário que o estudo tenha início na prática, é ela que deverá guiar todo o trabalho. Falar em formação é falar em competências. ***Não é possível formar profissionais reflexivos sem inserir essa intenção no plano de formação e sem mobilizar formadores de professores com as competências adequadas. (Perrenoud).***

A prática pedagógica pode ser pensada sob vários aspectos do processo ensino-aprendizagem. Pois não podemos tratar tudo ao mesmo tempo. É necessário priorizar e a partir daí ampliar os estudos pois entendemos que entre todos os aspectos existem pontos de ligação.

Levantar questões que inquietam os docentes é um ponto fundamental para iniciar um projeto de formação, ou até mesmo fomentar questões não tão interessantes aparentemente mas que após iniciar um trabalho de reflexão torna-se fundamental seu estudo e aprofundamento.

A exemplo disso levantamos um ponto que consideramos importante estudar mais e avançar em seu real sentido por sabermos sua funcionalidade dentro do contexto de alfabetização. Estou falando da ***“Leitura pelo professor”***.

Sabemos da importância da leitura ser encarada como conteúdo de ensino em sala de aula, da leitura que deixe de estar distante das práticas sociais reais, da leitura que aproxime as classes, que construa um novo país. Um país de leitores, no sentido real da palavra. Pois o que temos são pessoas que decodificam, que não entendem o que lêem, que não acham espaço para ler, que não se interessam pela leitura, que desconhecem sua real funcionalidade. Delia Lerner nos trás muito bem esse papel da leitura na escola, quando escreve em seu texto **A autonomia do leitor**: *“Formar leitores autônomos é um propósito indelegável da educação obrigatória”*.

Este projeto de formação de formadores de professores foi pensado a partir dessa demanda e que levanta as seguintes questões: *O que os coordenadores pedagógicos precisam aprender para ajudarem os professores a*

tornarem seus alunos leitores autônomos? Como trazer para os espaços formativos a prática de sala de aula para análise e reflexão? Quais são os saberes implícitos nas ações que norteiam um trabalho coerente de leitura? Como trazer a diversidade textual dentro dessa perspectiva?

Pensar na leitura pelo professor é desencadear uma prática existente há muito tempo e que, por mais que aconteçam algumas modificações na modalidade de leitura, esta continua sendo vista apenas como referência da postura de quem lê corretamente e com boa entonação.

Trazar isto para a reflexão é possibilitar inclusive ao próprio educador identificar o que lhe falta para ensinar melhor e para ser também um leitor autônomo, afinal é esse o modelo que os alunos devem seguir: se o formador é leitor; se o coordenador é leitor; se o professor é leitor, conseqüentemente isto chega aos alunos e até mesmo às suas famílias tão carentes de informação e da cultura letrada. Dessa forma a escola consegue, em parte, entrar na casa dos alunos através do aprendizado deles. Pois sabemos que a realidade das nossas escolas públicas é repleta de famílias que também necessitam serem re-educadas.

Sabemos que para envolver mais as crianças na leitura e para que participem de forma mais atuante nas práticas de leitura, é preciso considerar os comportamentos sociais dos leitores e os propósitos leitores em cada situação. Por exemplo, o propósito leitor dos textos literários é o prazer, a fruição, e poderíamos citar alguns comportamentos leitores específicos deste texto como:

- Comentar com outros colegas sobre o que se está lendo.
- Compartilhar a leitura com outros.
- Recomendar livros ou outras leituras que se considera valiosas.
- Comparar o que se leu com outras obras do mesmo ou de outros autores.
- Realizar a leitura de maneira a acompanhar um autor preferido.
- Comentar as emoções que o texto proporcionou, etc.

Estes comportamentos estão relacionados a diferentes momentos da leitura, ou seja, o que o professor precisa fazer antes, no início, durante e após a atividade.

A partir dos estudos de nomes conceituados no campo do mundo leitor, dentre eles Delia Lerner, Paulo Freire e Emília Ferreiro, acreditamos ter subsídios para trazer a prática de leitura para os encontros de formação onde pretendemos, a partir daí, traçar planos que nos possibilitem transpor aos professores, redimensionando o fazer pedagógico dentro de uma postura do entendimento, da análise, da reflexão, do questionamento e do planejamento de novas ações.

OBJETIVO GERAL

Favorecer uma prática reflexiva aos coordenadores pedagógicos acerca do tratamento dado à leitura pelos professores em sala de aula, desenvolvendo simultaneamente as competências necessárias para o aprimoramento do estudo ao longo do processo de formação.

OBJETIVO COMPARTILHADO

Elaborar o projeto de formação dos professores a partir dos estudos do contexto em questão.

CONTEÚDOS: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS VISADAS

- Construir o projeto de formação dos professores dentro da proposta do estudo;
- Organizar e acompanhar o trabalho proposto, junto aos professores, a fim de sistematizar e trazer a prática para as situações de formação;
- Montar a rotina de formação considerando diferentes estratégias formativas que possam atender demandas individuais e coletivas dos professores;
- Utilizar instrumentos metodológicos para a reflexão sobre a ação;
- Documentar a ação profissional;
- Tematizar a prática desenvolvida pelos professores através de vídeos, produções, registros;
- Criar uma rotina pessoal de estudo sobre o conteúdo da formação e outros conteúdos;
- Pesquisar bibliografias que enriqueçam o trabalho desenvolvido assim como a própria formação enquanto profissional.

CONTEÚDO DE FORMAÇÃO / CONTEXTO: “Leitura feita pelo professor”

- Conhecimento didático / Condições didáticas para o aprendizado dentro do trabalho com o contexto da formação.
- Comportamento leitor
- Linguagem oral
- Alfabetização em contexto letrado
- Modalidades de leitura
- Diversidade textual / Função comunicativa dos textos.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

- Portifólio de abordagem do projeto de formação elaborado pelos coordenadores pedagógicos.
- Reflexão sobre a prática formativa.
- Documentação do trabalho em vídeos.
- Relatos de acompanhamentos das aulas; planos de aula dos professores; registros reflexivos dos professores; amostras de atividades dos alunos resultante do contexto em estudo.

ABRANGÊNCIA DO PROJETO

- 9 Coordenadores Pedagógicos de Educação Infantil à 4ª Série.

TEMPO PREVISTO PARA O ESTUDO

- 6 meses

ORGANIZAÇÃO DA ROTINA DA FORMAÇÃO

- Encontro semanal com os coordenadores pedagógicos (sextas-feiras) com duração de 7 horas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Projeto de formação – Tutoria 2003 (Formadora Bia Gouveia)
2. Guia de Orientações Metodológicas Gerais – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – MEC 2001.
3. Referencial Curricular de Educação Infantil – MEC.
4. LERNER, Delia. Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário. Ed. Artmed.
5. LERNER, Delia. A autonomia do leitor.
6. PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor. Ed. Artmed.

O planejamento das reuniões

Os encontros de formação são objeto de nossa atenção e devem ser pensados tendo em vista as intenções do projeto que o originou. A seguir, vamos discutirmos aspectos importantes sobre essa tarefa – nada simples – que é planejar as pautas das reuniões

“Assumir uma concepção construtivista do ensino e da aprendizagem supõe centrar a capacitação dos coordenadores e dos docentes em situações que representem um desafio para eles e lhes permitam reelaborar o conhecimento, que favoreçam a cooperação entre pares e a conscientização de suas próprias estratégias como leitores e produtores de textos, (...) que permitam pôr permanentemente em jogo a própria concepção da prática didática e confrontá-la com as demais, que permitam explicitar os pressupostos implícitos nas posições adotadas sobre o ensino e a aprendizagem da língua escrita.”²

Essa posição fundamental nos coloca como responsabilidade o planejamento desse trabalho. Deve-se considerar que os coordenadores são também sujeitos em formação e que aprender exige um complexo e árduo trabalho de reconceitualizações sucessivas. Isso significa planejar pautas em que o coordenador necessite analisar situações didáticas, tomar decisões, arriscar-se, posicionar-se, coordenar fatores em um contexto delimitado. Situações-problema que sejam similares àquelas que os coordenadores enfrentam no seu cotidiano profissional; propostas que se convertam, de fato, em situações de aprendizagem.

² Ler e escrever na escola – o real, o possível e o necessário, Delia Lerner, pág 48.

Encadear as propostas potencializa esse movimento. Por isso, esperamos que o conjunto de pautas elaboradas e desenvolvidas pelo formador central represente uma sequência formativa. As situações propostas aos coordenadores devem ser vinculadas entre si, possuir uma coerência interna, sempre bem encadeadas. Para nós, do programa, os planejamentos dessas reuniões com os CPs é nossa matéria prima básica, é o material sobre o qual a equipe vai se debruçar, responsabilizando-se em dar um retorno e enviar materiais de apoio em tempo de ser utilizado com os CPs de cada município. Veja a seguir como organizar a pauta.



Instrumento de trabalho: roteiro para planejamento do encontro de formação

Abertura

- a) No início do encontro costumamos ler em voz alta um texto que queremos compartilhar, que pode ser conto, poesia ou qualquer outro. Nesse sempre a escolha do texto é feita em função do conteúdo principal ou do tema da reunião. Isso não é necessário porque essa leitura inicial tem como único propósito ampliar o repertório leitor dos adultos e criar hábitos de apreciação de textos, o que deve estimular a formação de um círculo de leitores.
- b) Na sequência, dividimos agenda cultural, a programação da cidade etc, aproveitando o encontro para a troca de informações que podem contribuir para a informação e o enriquecimento cultural do grupo.
- c) Por fim, retomamos o encontro passado por meio de uma síntese oral ou escrita, anotações do caderno etc., algo que sirva de apoio para a memória do grupo auxiliando a retomar o fio da meada e tornando claro a continuidade que está encadeia cada nova reunião pedagógica.

Objetivos do encontro

A seguir, explicitamos os objetivos do encontro, sempre os relacionando ao projeto de formação que gerou a necessidade dessa reunião.

Conteúdos principais

Da mesma forma, o conteúdo também se relaciona ao projeto inicial e principalmente aos objetivos do presente encontro. Ao traçar os conteúdos procuramos atender às expectativas, de modo a tornar mais claro o que é preciso ensinar para que os coordenadores construam conhecimentos sobre o assunto em questão, sobre o que é necessário para a realização de seu trabalho junto aos professores. Esses conteúdos são de ordem teórico e conceitual, mas, sobretudo, são saberes que compõe o papel do CP como formador, com todos os procedimentos, calores e conhecimentos didáticos implícitos na pauta do dia.

Desenvolvimento

Tendo definido todos os objetivos e conteúdos, começamos então a pensar estrategicamente: que caminho tomar? Como problematizar com os coordenadores a questão que está no centro dessa pauta? Aqui devemos escrever detalhadamente como vamos conduzir o encontro de formação, considerando seus três momentos:

1. o trabalho a partir de um problema colocado pelo formador;
2. a síntese dos conhecimentos do grupo;
3. os encaminhamentos e a reorganização didática dos conteúdos de ensino.

Fechamento

- a) No fechamento do encontro aproveitamos momentos para uma breve avaliação, retomando os objetivos de trabalho;
- b) Também aproveitamos para orientar uma tarefa para o mês. Tais tarefas sempre se relacionam a alguma iniciativa do CP junto ao seu grupo de professores, rumo à implementação das mudanças pedagógicas avaliadas como fundamentais. A orientação da tarefa vai garantir que determinados conteúdos tratados no encontro cheguem de fato nas escolas.
- c) Deixamos, assim, para o fim da reunião aquilo que, em outros tempos, seria o principal assunto da reunião: os informes.

Materiais utilizados

Também faz parte do exercício de planejamento elencar todos os materiais necessários incluindo não só os recursos tecnológicos, mas, sobretudo, os textos, vídeos, produções de crianças que serão objeto do estudo dos coordenadores.



Exemplo de planejamento do encontro de formação ³

Abertura

Em pautas anteriores vocês discutiram com os coordenadores as atividades de leitura que, em geral, são propostas pelos professores e sua relação com as práticas reais de leitura. Também discutiram o texto da Delia Lerner – *É possível ler na escola?* ou *Apontamentos a partir da perspectiva curricular* – em que ela discute a importância da escola “determinar um lugar importante para o que os leitores e escritores fazem” ou seja, tratar como conteúdo de ensino os **comportamentos do leitor** (no caso específico desse Projeto). Com essas discussões já temos terreno fértil para um “zoom” nas práticas de sala de aula, nos procedimentos do professor e no papel do coordenador pedagógico como responsável pela transformação dessas práticas.

Objetivos do encontro

A sugestão de atividade que segue abaixo tem como objetivo criar esse contexto de análise, de tomada de decisão, posicionamento e cooperação entre pares.

Conteúdos principais

O planejamento da reunião pedagógica.

Desenvolvimento

O texto *E depois de ler, fazer o quê?* (EM ANEXO), traz – por meio de diálogos entre uma professora e sua formadora – a problematização de uma prática que, apesar de bastante difundida nas escolas é, na maior parte das vezes, tratada como um ato simples e mecânico que pouco requer de planejamento, conhecimento e reflexão: **a leitura de histórias**.

³ Da formadora Cristiane Pelissari.

A proposta é que vocês reeditem o texto colocando apenas os depoimentos da professora (sugiro os dois primeiros) e seus respectivos questionamentos e entreguem aos coordenadores com a seguinte consigna:

Na condição de coordenador pedagógico quais encaminhamentos fariam a essa professora?

Peçam que primeiro registrem os encaminhamentos individualmente. Depois em pequenos grupos, socializem seus registros e discutam a pertinência e adequação dos mesmos, os encaminhamentos que parecem mais formativos e eficazes etc. Após a discussão cada grupo deverá apresentar – também por escrito – uma lista que sintetize os encaminhamentos, eleitos pelo grupo, como mais produtivos. Faz-se então uma socialização geral. Aqui é importante que vocês problematizem o que julgarem necessário, façam intervenções e complementações, se remetam aos textos estudados, as discussões já realizadas. Nesse momento as próprias devolutivas trazidas no texto podem funcionar como subsídio, uma espécie de “cola” para vocês formadores.

Fechamento

Avaliação: Um outro viés da discussão que pode ser interessante é perguntar aos coordenadores *O que mudou durante a discussão em relação a sua análise individual?* O objetivo é que percebam seu percurso; percebam-se também como sujeitos em formação; percebam o valor cognitivo da interação no espaço da formação continuada.

É imprescindível que os coordenadores tenham - nesse encontro com vocês - um espaço para o planejamento de suas pautas com os professores. A idéia é que se estabeleça uma relação de co-responsabilidade entre vocês e os coordenadores envolvidos no projeto em relação ao planejamento das ações com os professores. Nesse encontro é preciso que os coordenadores saiam com um esboço da pauta que farão com os seus professores. Em geral – mas nem sempre - é possível aproveitar as situações vividas na formação com vocês e fazer a transposição para a que viverão com os professores. É necessário reservar no mínimo 1 hora da pauta para essa discussão.

Materiais utilizados

- ✓ *Texto E depois de ler, fazer o quê?* revista Avisa lá

**Instrumento de trabalho: roteiro para escrita do relatório do formador ⁴**

Cabeçalho

- a. identificação do CEI
- b. nome dos formadores
- c. data / semestre da formação (1º, 2º, 3º ou 4º)

Introdução

- ✓ Contextualização a partir do último encontro
- ✓ Propósitos do encontro de formação ou da supervisão

Questões da formação pedagógica

Esta é a parte mais reflexiva do relatório e deve carregar as marcas de seu autor. Para esta parte, não existe um roteiro fechado: a escrita deve ser moldada segundo o modo próprio de pensar de cada formador. Pode trazer, não necessariamente nesta ordem, os seguintes conteúdos:

- a. As hipóteses iniciais do formador
- b. A explicitação de suas intenções
- c. Uma explicação do modo como ele planejou o encontro em função de suas intenções
- d. Uma descrição e análise das estratégias formativas, ou seja, uma reflexão sobre o que de fato ocorreu
- e. Descrição de cenas ou registro de episódios que chamaram a atenção do formador, por algum motivo
- f. Um registro das falas dos participantes, das perguntas que eles trouxeram
- g. Comentários gerais sobre as questões de grupo, os avanços observados
- h. Suas impressões pessoais
- i. Dados para a avaliação do encontro e expectativas para o próximo

⁴ Extraído de bem-vindo Mundo – criança, cultura e formação de professores.

O processo de avaliação

Escolher determinado conteúdo para a formação de coordenadores e fazê-los chegar aos professores e estes às crianças pressupõe um caminho longo do qual nós, como formadores, compartilhamos passos, do início ao fim. A avaliação não poderia ficar distante desses ideais. Para nós ela tem o sentido de nos co-responsabilizarmos por nossas escolhas, pelas decisões tomadas no projeto de formação

A avaliação traduz-se em ações nos diferentes tempos da formação:

- **No início**, com o objetivo diagnóstico: essa primeira avaliação abarca a todos, crianças, professores e coordenadores pedagógico. No que diz respeito às crianças, sugerimos tomar como objeto de avaliação as primeiras produções (no caso de escrita e produção de texto) ou a primeira proposta (de leitura, por exemplo) de uma sequência didática ou projeto. Essa primeira ação é pensada de tal forma que possibilita à criança colocar em jogo tudo o que ela sabe sobre o assunto. Desse modo é possível reconhecer o que a criança já sabe fazer sozinha, o que faz com ajuda de outros e, principalmente, como ela pensa e resolve os problemas que lhes são colocados. Para saber mais sobre o assunto, acesse o artigo da revista avisalá: http://www.avisala.org.br/conh_av2_jan.00.pdf.
- A partir dessa avaliação os professores podem ajustar suas sequências didáticas investindo em atividades que desafiam mais as crianças e as ajudem a avançar. O coordenador, por sua vez, pensa algo semelhante quando levanta a avaliação inicial de seu grupo de professores. A partir dos planejamentos e do modo como os professores conduz as propostas ele pode reconhecer suas hipóteses iniciais, o que eles sabem e não

sabem, o que precisam ainda avançar etc. E nós, formadores, pensaremos conjuntamente em modos de levantar os saberes dos coordenadores pedagógicos.

- Há também a avaliação que se faz **durante todo o processo**, com o objetivo de realizar ajustes nos planejamentos visando potencializar as aprendizagens dos CPs.; Desde o início do projeto o formador já sabe o que é preciso alcançar em todas as instancias: com crianças, professores e coordenadores. A clareza desses pontos permite que se observe a cada momento da formação os aspectos que vão sendo conquistados rumos aos objetivos e metas finais. Para tanto, utilizamos um instrumento que se mostrou bastante útil nos encontros anteriores: são os indicadores de avaliação. Eles tornam visível para o formador o que é preciso que se alcance ao final e, portanto, o que se deve avaliar no processo da formação.
- A **avaliação final** tem como objetivo observar o sucesso na conquista de todos os indicadores e, sobretudo, dos objetivos a que a rede municipal se propôs a trabalhar. É o momento de validar os esforços e projetar novos desafios para o ano seguinte. O Instituto orientará a aplicação de um instrumento de larga escala que vai permitir aos municípios enxergar a atual situação de seu município e de seu município em relação a outros. Todos os instrumentos utilizados nos anos anteriores estão disponíveis na Biblioteca do Portal Além as Letras.
- Para dar visibilidade às iniciativas bem sucedidas dos municípios, ao final de um processo longo o Instituto Avisa Lá e seus parceiros validam o trabalho da equipe e ajudam a divulgá-lo: esse é o propósito do **selo Além das Letras**, cedido aos municípios que participaram das atividades oferecidas pelo programa e cumpriram com todas as atribuições exigidas. Há dois tamanhos: um maior que pode ser impresso e emoldurado e um menor que pode ser usado como timbre nos papéis oficiais. O selo é, acima de tudo, uma marca de sucesso e de responsabilidade com a educação.

Conheça a seguir todos os indicadores que se pode inferir a partir dos diferentes módulos acompanhados pelos consultores da equipe do Instituto Avisa Lá.

► Leitura pelo professor

Indicadores da aprendizagem das crianças	Indicadores da formação do professor	Indicadores da formação do coordenador
<ul style="list-style-type: none"> Ocorrência de assuntos ligados às histórias em outros contextos como no jogo simbólico, na roda de conversa e também em contextos não escolares como as conversas em casa, na rua, etc.; Pedidos para ouvir leitura de histórias; Pedidos para ouvir novamente a história lida; Quantidade, qualidade e diversidade do repertório de histórias indicadas pelas crianças como as favoritas; Qualidade e propriedade dos comentários das crianças sobre os livros; Aumento da circulação de livros na sala; Frequência e qualidade da indicação de leitura feita pelas próprias crianças; Uso de determinados comportamentos para ler um livro (ou outros textos); Uso de marcas textuais no discurso oral; 	<ul style="list-style-type: none"> Qualidade literária dos textos selecionados pelo professor; Existência de espaços para a fruição literária das crianças, organizados pelo professor; Qualidade do espaço de leitura; Disponibilidade de material diversificado (revista, jornal, gibi, livros diversos tanto de histórias como de receitas, pesquisa etc., folder, varal de poesias) de leitura para as crianças; Repertório de contos infantis de domínio do professor; Frequência com que o professor lê para ele mesmo e para as crianças; Frequência com que expressa intencionalmente comportamentos leitores aos alunos: faz apreciações sobre os livros, relê trechos de interesse ou de difícil compreensão, se remete ao índice para localizar um item específico... Frequência com que o professor lê para buscar ferramentas de análise dos problemas didáticos que se apresentam no curso do trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> Existências de pautas e planejamentos de encontros de formação cujo foco central é a leitura pelo professor; Qualidade e representatividade das fontes bibliográficas a serem estudadas pelos professores de seu grupo; Modo como o CP organiza o tempo de formação para os conteúdos ligados ao planejamento das rodas de leitura; Tempo destinado nos encontros de formação para a leitura e fruição dos próprios professores; Existência de um tempo para observar e intervir na organização da biblioteca da escola como parte da rotina do CP; Tempo destinado na rotina para observação das atividades de leitura pelo professor nas diferentes classes; Disponibilidade de material diversificado (revista, jornal, gibi, livros diversos tanto de histórias como de receitas, pesquisa etc., folder, varal de poesias) de leitura para professores; Frequência com que o coordenador lê para buscar ferramentas de análise dos problemas didáticos e formativos que se apresentam no curso do trabalho.

► Produção de texto

Indicadores da aprendizagem das crianças	Indicadores da formação do professor	Indicadores da formação do coordenador
<ul style="list-style-type: none"> Quantidade, qualidade e diversidade do repertório utilizado como fonte para as escritas das crianças; Pertinência dos textos produzidos pelas crianças em relação à sua função social; Qualidade e propriedade dos comentários das crianças nas rodas de revisão de texto; Ocorrência de marcas de revisão nos textos das crianças, convencionadas em grupo; Uso de determinados comportamentos para ditar um texto ao professor (falar pausadamente, repetir alguns trechos, solicitar nova leitura, depois da mudança realizada etc.) Uso de comportamentos escritores: definir o gênero, planejar/decidir que aspectos serão tratados no texto, considerar o destinatário ausente,...) Uso de marcas textuais no discurso oral; Reescrita de um texto-fonte com conservação tanto da informação como de algumas propriedades lingüísticas (discursivas) 	<ul style="list-style-type: none"> Frequência com que o professor se dedica às atividades de produção de texto em sala; Qualidade literária dos textos selecionados pelo professor para servirem de modelo às crianças; Disponibilidade de material diversificado (revista, jornal, gibi, livros diversos tanto de histórias como de receitas, pesquisa etc., folder, varal de poesias) como fontes alternativas para as crianças; Pertinência dos textos que ele propõe às crianças, em relação à sua função social; Uso das condições didáticas para a produção de texto (leitura diária, familiaridade com o gênero, planejamento, revisão, passar o texto a limpo) Inclusão da atividade de revisão de texto em seu planejamento; Modo como explicita às crianças determinados comportamentos utilizados na produção de um texto; Frequência com que o professor dedica-se a escritas pessoais e de documentos didáticos (diários de aula, reflexões pessoais acerca de um tema, cadernos de anotações, de estudos...) 	<ul style="list-style-type: none"> Existência de pautas e planejamentos de encontros de formação cujo foco central é a produção de texto pelas crianças; Existência de propostas formativas que enfoquem comportamentos envolvidos na produção de escrita; Qualidade e representatividade das fontes bibliográficas a serem estudadas pelos professores de seu grupo; Modo como o CP organiza o tempo de formação para os conteúdos ligados ao planejamento das atividades de produção de texto pelas crianças: <ul style="list-style-type: none"> Organização de momentos de análise dos textos dos alunos; Levantamento de critérios para análise dos textos dos alunos; Seleção de bons problemas textuais a serem trabalhados com os alunos Tempo destinado na rotina para a devolutiva aos registros escritos pelos próprios professores; Frequência com que o coordenador dedica-se a escritas pessoais e de documentos didáticos (diários de formação, reflexões pessoais acerca de um tema, cadernos de anotações, de estudos...)

► Escrita e leitura na alfabetização inicial

Indicadores da aprendizagem das crianças	Indicadores da formação do professor	Indicadores da formação do coordenador
<ul style="list-style-type: none"> • Grau de consciência crescente que apresenta sobre as regularidades do sistema de escrita; • Envolvimento pessoal de ler e de escrever tanto nas situações propostas pelo professor, como em outras situações do cotidiano; • Uso da escrita como recurso de comunicação em situações espontâneas; • Quantidade, qualidade e diversidade do repertório utilizado como fonte para resolver problemas de ordem quantitativa e qualitativa nas atividades de leitura e escrita; <ol style="list-style-type: none"> a. domínio da lista de nomes da sala; b. uso de títulos de histórias, de brincadeiras preferidas, placas de identificação, legendas etc.); • Capacidade de explicitar suas hipóteses de leitura e escrita para o professor e para os demais colegas; • e uso desse conhecimento nas situações de leitura e escrita; • Pertinência dos textos produzidos pelas crianças em relação à sua função social; 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência com que o professor propõe a leitura e a escrita visando a reflexão sobre o sistema alfabético de escrita com os alunos; • Qualidade da intervenção durante as atividades de reflexão sobre o sistema alfabético de escrita; • Presença da lista de nomes da sala e de outros textos (cantigas, quadrinhas etc.) que apoiem a pesquisa gráfica das crianças; • Pertinência das propostas de leitura e escrita em relação à sua função social; • Uso de condições didáticas para as situações prototípicas de leitura e escrita na alfabetização inicial; • Equilíbrio de situações de leitura e de escrita, combinadas no planejamento do professor; • Presença de situações de produção e de leitura de listas, visando apoiar a criança na problematização de suas hipóteses; • Presença de situações de leitura e escrita de textos conhecidos de memória (parlendas, adivinhas, quadrinhas, canções) visando o ajuste entre o falado e o escrito; • Frequência com que se dedica à manutenção de registros do percurso de escrita das crianças; 	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de atividades permanentes e projetos de leitura e escrita implementados como situações diariamente vividas pelas crianças; • Presença de situações cotidianas que caracterizam um ambiente alfabetizador; • Existência de pautas e planejamentos de encontros de formação cujo foco central é a escrita e a leitura das crianças; • Existência de propostas formativas que enfoquem a análise de escritas infantis; • Qualidade e representatividade das fontes bibliográficas a serem estudadas pelos professores de seu grupo; • Tempo de formação destinado aos conteúdos ligados ao planejamento das atividades de leitura e escrita das crianças; • Qualidade das intervenções que sugere ao professor, a partir da análise das hipóteses infantis; • Frequência com que o coordenador dedica-se a escritas pessoais e de documentos didáticos (diários de formação, reflexões pessoais acerca de um tema, cadernos de anotações, de estudos...);

7

Uma rotina de formação

A participação dos formadores locais na assessoria da rede Além das letras implica na vivência de uma rotina de trabalho que permite um fluxo contínuo de produção e troca de informações entre os municípios e os assessores da rede. A vivência desse tempo é marcada por alguns passos que ajudam a organizar os diferentes momentos do trabalho, conforme vemos a seguir

Para nós, do Além das Letras, a continuidade da formação é componente fundamental para uma experiência de sucesso. As palestras esporádicas, cursos breves e demais formatos podem ser auxiliares na formação dos professores, mas, certamente, só a experiência continuada permite o aprofundamento nas reflexões que envolvem os processos de ensino e de aprendizagem. Além da continuidade, nossa experiência tem mostrado que uma certa constância também é condição para a apropriação dos conhecimentos pelos professores. Por isso, os assessores da rede Além das Letras trabalham à distância gerenciando um fluxo intenso de produção de materiais e conhecimentos, o que implica por parte dos municípios a adoção de uma rotina de formação. Tal rotina é marcada por passos, como se vê a seguir.

Tempos da formação

- ✓ **1º passo:** o assessor da equipe Além das Letras deve ler todos os planejamentos, de cada encontro a ser realizado pelo formador local, em cada município supervisionado por ele. Portanto, o formador local deve enviar tais planejamentos no prazo combinado, utilizando os meios disponíveis no portal Além das Letras. Quando o município estiver impossibilitado de acessar a rede por qualquer motivo, deve recorrer ao fax, correio ou outro meio, garantindo assim o cumprimento do cronograma do assessor.

- ✓ **2º passo:** tendo recebido o planejamento da reunião (a pauta), o assessor Além das Letras deve ler, comentar, colocar questões que ajudem os formadores a avançarem nas reflexões sobre as estratégias formativas. É possível que ele também envie textos de apoio, indicação de vídeos e outros materiais que possam ser úteis no desenvolvimento daquela pauta.
- ✓ **3º passo:** Depois de ler e atualizar as pautas, o formador local deve mandar a versão final, a que ficou valendo para o encontro de formação. Essa é a hora H, o momento em que os formadores locais vão então realizar os encontros de formação com os CPs nos diferentes municípios.
- ✓ **4º passo:** na sequência, o formador local deve pensar sobre o que ocorreu no encontro de formação e escrever um breve relatório, trazendo suas questões, explicando como desenvolveram as estratégias, como os CPs reagiram, o que aprenderam, o que questionaram etc. Devem enviar pelo portal (ou, como sempre, do modo como for possível)
- ✓ **5º passo:** Só então o assessor volta a trabalhar: ele deve ler os relatório, indicar novos pontos de reflexão, mandar materiais de apoio que possam ajudar os formadores locais no planejamento do próximo encontro de formação, alimentando assim, incessantemente, o processo contínuo de formação nos municípios.

E então começamos tudo novamente: 1º passo, 2º, 3º ... um verdadeiro “toma lá dá cá”. Entre um passo e outro, ainda teremos os encontros virtuais, uma oportunidade para conhecer e se relacionar com formadores de outros municípios. Os assessores também aproveitarão o material enviado para editar conteúdo para o portal: nesse caso, os autores implicados receberão uma versão para a aprovação, antes da divulgação na rede.

Cronograma de trabalho

A manutenção dessa rotina exige do município um alto grau de organização. Nessa hora é fundamental organizar o cronograma e divulgá-lo amplamente na equipe. Veja a seguir um modelo que pode ser utilizado em seu município. Esse é o cronograma básico da formação no município: sua divulgação ajuda as secretarias a se organizarem internamente ao mesmo tempo em que garante à equipe do Além das Letras tempo suficiente para trabalhar a partir da demanda específica de cada município.



Instrumento de trabalho: modelo de cronograma da formação

Município: _____ Formadores: _____

	1º passo	2º passo	3º passo	4º passo	5º passo
	Envio do planejamento do encontro de formação de CPs nos municípios	Devolutivas da formadora e materiais de apoio, pelo portal	Realização do encontro de formação	Envio de relatórios dos municípios	Devolutivas de relatórios dos municípios e materiais de apoio para apoiar o próximo encontro de formação
Março	Do dia 5 ao dia 7	Do dia 8 ao 14	19 de março	De 19 a 22 de março	De 23 a 30 de março
Abril			16 de abril		
Maio					
Junho					
Julho					
Agosto					
Setembro					
Outubro					
Novembro					
Dezembro					



Exemplo de cronograma de trabalho

Veja uma simulação dessas ações num calendário

Exemplo pensando para o mês de Abril

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
1	2. Seminário	3 Seminário	4 Seminário	5	6	7
8	9.	10 Data limite Para entrega do Projeto de formação E do calendário e	11	12 Planejar (adaptar) 1ª. Pauta do encontro e enviar para formadora	13 Data limite para envio da 1.a pauta	14
15	16	17	18.	19	20 Data limite para formadora devolver o projeto comentado	21
22	23 Devolução da pauta comentada pela formadora	24	25 Encontro	26	27	28
29	30 data limite p/ envio do registro					

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
1	2. Seminário	3 Seminário	4 Seminário	5	6	7
8	9 Equipe Avisa Lá envia propostas de projetos para serem adaptadas pelos municípios	10	11	12	13 Data limite Para entrega da adaptação Projeto de formação e Do calendário	14
15*	16 Equipe Avisalá Entrega da sugestão da 1ª pauta	17	18.	19 Data limite para envio da adaptação da 1.a pauta	20 Data limite para Equipe Avisa Lá devolver o projeto comentado	21
22	23 Equipe Avisa Lá Devolução da pauta comentada	24	25 Encontro	26	27	28
29	30 data limite p/ envio do registro					

* Nesta semana a equipe Avisa Lá irá marcar uma data de reunião on line para esclarecimento de dúvidas restantes.

Para que o calendário apresentado possa ser garantido o melhor é pensá-lo de trás para frente.

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
1	2. Seminário	3 Seminário	4 Seminário	5	6	7
8	9 Equipe Avisa Lá envia propostas de projetos para serem adaptadas pelos municípios	10 Municípios: fazer calendário e iniciar a adaptação do projeto. Comunicar data do encontro de Abril para CP's	11 Municípios: fazer adaptação dos projetos	12 Municípios: fazer adaptação dos projetos e enviar	13 Data limite Para entrega da adaptação Projeto de formação e Do calendário	14
15*	16 Equipe Avisalá Entrega da sugestão da 1ª pauta	17 Municípios: fazer adaptação da 1.a pauta	18. Municípios: fazer adaptação da 1ª. Pauta e enviar	19 Data limite para envio da adaptação da 1.a pauta	20 Data limite para Equipe Avisa Lá devolver o projeto comentado	21
22	23 Equipe Avisa Lá Devolução da pauta comentada	24 Município: Ler material devolvido e se organizar Para desenvolver o encontro	25 Encontro	26	27	28
29	30 Data limite p/ envio do registro					

Para saber mais

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**. Edições Loyola. 2002.

BRASIL – Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – **Parâmetros curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** – Brasília.MEC/SEF. 1997.

BRASIL – Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil vol III**. Brasília. MEC/SEF. 1998.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs.) **História da leitura no mundo ocidental Volumes 1 e 2**. São Paulo: Ática,1998.

CHARTIER, Anne-Marie, CLESSE, Christiane & HEBRARD, Jean. *Recepção e antecipação de um texto lido por um adulto*. In **Ler e Escrever, entrando no mundo da escrita**. Artmed.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

COLL, César **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

CURTO, L.M., MORILLO, M.M. e TEIXIDÓ, M.M. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Volume I, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

FERREIRO, Emilia e PALÁCIO, Margarita Gomes. **Os processos de Leitura e Escrita: Novas Perspectivas**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emilia. *A escrita ... antes das letras* in: SINCLAIR, Hermine (Ed.) **A produção de notações na criança: linguagem, número ritmos e melodias**. São Paulo: Cortez Editora, 1990

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 11ª ed. São Paulo – Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez Editora, 1992

FERREIRO, Emilia. **Cultura escrita e educação: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

FERREIRO, Emília. *Interpretação, intérpretes, interpretantes*, in CASTORINA, J.A.; FERREIRO, Emília, LERNER, Delia; OLIVEIRA, Marta Kohl. **Piaget-Vygotsky: Novas Contribuições para o Debate**. São Paulo. Ática.

FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez Editora, 2002

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**, São Paulo, Cortez, 1985.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura e produção Cascavel: Assoeste**. 1984 (Re-editado recentemente pela Ática)

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Vol. 1. Ed. Artmed. Porto Alegre. 1994

KAUFMAN, Ana Maria, CASTEDO, Mirta, TERUGGI, Lília, MOLINARI, Claudia. **Alfabetização de crianças: Construção e intercâmbio**. Artmed. Porto Alegre. 1998

KAUFMAN, Ana Maria, RODRIGUEZ, Maria Elena. Escola, **Leitura e Produção de Textos**. Ed. Artmed. Porto Alegre. 1995

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In KLEIMAN, A. (org.) **Os significados do letramento**. Campinas. Mercado das Letras. 1995.

LERNER, Delia, PIMENTEL, Magaly e PIZANI, Alicia Palácios. **Compreensão da leitura e expressão escrita: a experiência pedagógica**. Artmed. Porto Alegre, 1998

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola- o real, o possível e o necessário**. Artmed. Porto Alegre. 2002

NEMIROVSKY, Myriam. **A aprendizagem da Linguagem escrita**. Artmed.

NEMIROVSKY, Myriam. **O Ensino da Linguagem escrita**. Artmed.

OLSON, David R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola**. São Paulo, FTD, 1988.

SCARPA, Regina. **Era assim, agora não...** Casa do psicólogo S. Paulo. 1998

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Ed. Artes Médicas. Porto Alegre. 1998.

TEBEROSKY, Ana e CARDOSO, Beatriz (organizadoras). **Reflexões sobre o Ensino da Leitura e da Escrita**. São Paulo, Trajetória/UNICAMP, 1989.

TEBEROSKY, Ana e TOLCHINSKY, Liliana (orgs.). **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. São Paulo: Ática, 1995.

TEBEROSKY, Ana, COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e a Escrever – uma proposta construtivista**. Ed. Artmed. Porto Alegre. 2003.

TEBEROSKY, Ana, GALLART, Marta & colaboradores. **Contextos de Alfabetização Inicial**. Ed. Artmed. Porto Alegre. 2004.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever**. São Paulo: Ática, 1995.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita**. São Paulo, Trajetória/UNICAMP, 1989.

VYGOTSKY. L.S. **Formação social da mente**. Martins Fontes. São Paulo. 1997.

Artigos da revista Avisa Lá:

CAMARGO, Luciana de Oliveira. Comunidade de leitores – idéias para quem quer ensinar a gostar de ler. Avisa Lá 7.

GASTALDI, Virgínia. *Quem conhece pode escolher melhor – a importância dos bons livros para crianças*. Avisa Lá 7.

MONTEIRO, Emelisa. *Leitura pelo professor – um projeto para conhecer e apreciar histórias*. Avisa Lá 7.

PINA, Tatiana. *Vai e vem poesia*. Avisa Lá 2

SCARPA, Regina; STELLA, Paula. *Deixe que digam, que pensem, que façam – o conhecimento prévio na formação de leitores*. Avisa Lá 12.